

Espaço geográfico: o deserto

Texto e fotos de

João Vicente Ganzarolli de Oliveira

Engenheiro cartógrafo e Professor titular do NCE/UFRJ

<https://espacoalexandria.ufrj.br/category/artigos>

Publicado em 9 de dezembro de 2024.

*Grandes são os desertos e as almas
desertas e grandes. / Desertas porque
não passa por elas senão elas mesmas,
/ Grandes porque de ali se vê tudo, e
tudo morreu.*

Fernando Pessoa



Ásia Central

Sonhei com desertos antes de conhecê-los pessoalmente. A primeira pessoa a me falar deles foi minha mãe, que, antes mesmo que eu soubesse ler e escrever, já havia despertado em mim a paixão pelos mapas e pela geografia em geral; soavam melodiosos aos meus ouvidos os nomes dos países que ela havia visitado na juventude: Bélgica, Holanda, França, Itália... Quanto aos desertos, vi-os primeiramente em filmes como Lawrence da Arábia, Zabriskie Point e O deserto dos tártaros, ouvi falar deles nos contos d'As mil e uma noites e no livro Terra dos homens, de Antoine de Saint-Exupéry. Atacama, no Chile, o mais seco de todos, foi o primeiro deserto em que pisei. Depois dele vieram os desertos do Egito e do Crescente Fértil em geral, o Saara, a Namíbia e assim por diante.

* Agradeço à senhora Camila de Sousa Silva Conceição pelas importantes sugestões apresentadas.



Deserto de Wadi Rum, na Península Arábica, um dos cenários naturais de Lawrence da Arábia

Tendo em vista a configuração atual dos continentes e da sua relação com os mares, verifica-se que mais de um sétimo das terras emersas são desérticas e que os desertos estão a se expandir ainda mais. Hostil aos homens e, de certo modo, à própria vida, o deserto pode ser entendido de duas formas¹: como qualidade e como receptáculo dessa qualidade; em termos linguísticos, estamos falando de um adjetivo e de um substantivo. Conforme deixam claro os dicionaristas lusitanos Francisco Júlio de Caldas Aulete (1826-1878) e António Lopes dos Santos Valente (1839-1896) no seu opus magnum, a palavra deserto denota, como adjetivo, aquilo que está “desabitado, despovoado, ermo, solitário”; como substantivo – ou seja, como aquilo que é em si mesmo, subjacente às suas qualidades e demais acidentes –, deserto é o nome que se dá ao “lugar ermo, solitário, despovoado”.² Em termos etimológicos, é latina a origem da palavra que estamos investigando. Em latim, língua-mãe do português, exemplos não faltam. Dois milênios atrás, o poeta Vergílio falou, na sua Eneida, dos desertos da África do Norte: “Libyae deserta peragro” (“Percorro os desertos da Líbia” [tida, pelos antigos, como metonímia da África como um todo]).³ Já em contexto cristão, às portas da Idade Média, outro expoente da poesia latina, o hispanense Aurélio Prudêncio referiu-se a um santo eremita que, havendo escolhido o deserto como lar, nada mais solicitava do que cinco pães: “*Quinque in deserto panes jubet*”.⁴

Acidente geográfico afeito ao vazio e à solidão, o deserto, assim como a ilha, é fonte de inspiração particularmente propícia para a emergência de geografias imaginárias. Assim se dá com Borges, Buzzati, Tolkien, Michaux,

¹ É sabido que “nenhum animal é adaptado para enfrentar o deserto na sua hora mais quente.” (A. Starker Leopold et alii. *O deserto* [trad. J. A. Pinheiro de Lemos], Rio de Janeiro, Time/Life, 1969, p. 15).

² *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*, 3ª ed., Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1948, v. I, p. 823.

³ Aeneis, I,384.

⁴ *Apotheosis*, 774.



Mesopotâmia

Gracq, Italo Calvino e vários outros “inventores de mundos durante o século XX”.⁵ É bem esse o caso de “Despina”, cidade invisível e inventada que só se alcança pelo deserto ou pelo mar: “Há duas maneiras de se alcançar Despina: de navio ou de camelo. A cidade se apresenta de forma diferente para quem chega por terra ou por mar”.⁶



Saara (palavra que, em árabe, significa “deserto”)

⁵ Pierre Jourde. *Géographies imaginaires de quelques inventeurs de mondes au XXe. siècle*. Gracq, Borges, Michaux, Tolkien, Paris, José Corti, 1991, p. 96 et passim.

⁶ Italo Calvino. *As cidades invisíveis* (trad. Diogo Mainardi), São Paulo, O Globo, 2003, p. 23.

É próprio do homem associar as areias do deserto às águas do mar; a imensidão típica de tais acidentes geográficos é algo que atrai e amedronta ao mesmo tempo.⁷ Não nos surpreende que, “Em todas as línguas antigas, da Índia à Irlanda, o nome do mar tem por sinônimo ou análogo o deserto e a noite.”⁸ A mesma afinidade é confirmada na Bíblia: “Eis o que diz o Senhor que abriu uma passagem através do mar, um caminho em meio às ondas, que pôs em campo carros e cavalos, a tropa de soldados e seus chefes: ‘Eles caíram, então, para nunca mais se levantar; extinguiram-se como um pavio de vela. Não vos lembreis mais dos acontecimentos de outrora, não recordeis mais as coisas antigas, porque eis que vou fazer obra nova, a qual já surge: não a vedes? Vou abrir uma via pelo deserto e fazer correr arroios pela estepe. Os animais selvagens me darão glória, por exemplo, os chacais e as avestruzes, pois terei feito jorrar água no deserto e correr arroios na estepe, para saciar a sede do meu povo, meu eleito; o povo que formei para mim contará meus feitos.’” (Is 43, 16-21).⁹



Imagem de Santa Rita de Cássia: a devoção cristã se fazendo presente no deserto brasileiro.

⁷ Cf. Jean-Pierre Jossua. *La littérature et l'inquiétude de l'absolu*, Paris, Beauchesne, 2000, p. 136.

⁸ Jules Michelet. *La mer*, 4ª ed., Paris, Hachette, 1870, p. 3.

⁹ Veja-se também Fernand Braudel. *La Méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II. La part du milieu*, 9ª ed., Paris, Armand Colin, 1990, pp. 225sq.



Arábia

Sabe-se que “A maioria dos habitantes da Terra vive nos climas mais úmidos, que são mais apropriados à vida. A maior parte nunca se aventurou por um deserto, nem sequer pensou nisso. Na imaginação popular, as zonas áridas que cobrem um sétimo da superfície das terras do globo são uma região vazia e inóspita – calcinada pelo Sol e fustigada pelo vento, desprovida de abrigo e, à exceção dos bichos venenosos que se escondem sob as pedras, grandemente privada de vida.”¹⁰ Não obstante, “Os que conhecem o deserto respeitam-no, como os marinheiros experientes respeitam o mar. Sem esquecer um momento os seus perigos, julgam-no um lugar de grande fascínio e impressionante beleza. A despojada paisagem é morada de uma variedade assombrosa de plantas e animais que, graças a uma complexa adaptação de estrutura e comportamento, conseguem vicejar em condições de extremo calor e secura. A própria topografia, que não se esconde sob pesados mantos de vegetação, apresenta alguma das arquiteturas mais arrojadas do planeta. É quando uma rara pancada de chuva encharca o solo gretado, o breve desabrochar das flores silvestres na terra matizada é um espetáculo deslumbrante. Os desertos, onde tudo isso acontece, não se espalham ao acaso, mas são distribuídos em torno do globo em duas faixas descontínuas, uma no Hemisfério Norte e outra no Hemisfério Sul, mais ou menos concentrados ao longo dos trópicos de Câncer e de Capricórnio. Nenhum deles se inclina mais de 15 graus na direção do Equador e nenhum está a mais de 40 graus dele, ressalvadas as faixas de território extraviadas.”¹¹

¹⁰ A. Starker Leopold et alii. *O deserto*, obra citada, p. 9.

¹¹ Idem, pp. 9 e 10.



Vale do Nilo: Que idade têm as pirâmides? Ninguém sabe ao certo.

É evidente a analogia entre os oásis e as ilhas; é nos oásis e nas suas proximidades que as sociedades humanas buscam abrigo – tal é a origem do povoamento do Vale do Nilo, por exemplo. Acostumado a uma paisagem uniforme, o habitante do deserto tende a arraigar-se mais às suas tradições culturais que o habitante de lugares onde a Natureza se revela mais pródiga em sua variedade constitutiva. Espalhados pelos dois hemisférios terrestres ao longo do cinturão formado pelos ventos alísios, os desertos setentrionais são muito mais extensos que os da parte meridional da Terra – nada mais condizente, portanto, com o fato de mais da metade das massas continentais emersas de nosso planeta estarem atualmente situadas na sua parte norte.



Nalgum lugar desértico no norte da África

Distanciado do resto do mundo, o beduíno (i.e., a “pessoa que vive no deserto”) conhece poucos hábitos ou costumes além daqueles que aprendeu dos seus antepassados. Isso explica não só a estaticidade das culturas beduínas, mas também a dinâmica que prevalece no mundo urbanizado. Exemplo típico dessa situação é o fato de o islã ter nascido entre povos beduínos: “Tal como os contornos do deserto, o islã é um mundo de abstração, matemático na sua severidade.”, escreve Robert Kaplan em sua obra clássica sobre os Bálcãs.¹²

Começamos este artigo falando de desertos espirituais, detectados pelo poeta português Fernando Pessoa no início do século passado, bem como dos desertos com os quais sonhei antes de vê-los com os meus próprios olhos e de andar por eles com os meus próprios pés. Muito do encanto despertado pelos desertos, sejam eles sonhados ou vividos, advém da consciência que eles nos dão da nossa pequenez. Sim, do reconhecimento de que somos pequenos em relação ao mundo, reconhecimento esse que é irmão gêmeo da humildade, mãe de todas as virtudes. Não por acaso, Bernardo de Claraval, gigante em santidade e em sabedoria, costumava terminar seus sermões recomendando aos paroquianos daquela Europa ainda medieval três coisas: *humilitatem, humilitatem, humilitatem!*



Death Valley, no deserto californiano de Mojave, que serviu de cenário para *Zabriskie Point*

¹² *Balkan Ghosts*, Nova York, Picador, 2005, p. 50.